

Morada dos Ossos

de

Francis Ivanovich

ATO ÚNICO

APENAS UM ATOR FAZENDO OS PERSONAGENS:

- . Ator-Narrador
- . D. Belinda,
- . António filho,
- . António Pai,
- . Cão Fradique.

Sinopse:

Pequeno apartamento em Portugal. Prédio vazio, último andar. Nele vive a velha mulher na companhia do cão que tem 15 anos. Ambos com dificuldades de ir à rua por causa das escadas. Imobilidade e isolamento podem comprometer a sobrevivência. A mulher aguarda pela visita do filho que deve vir para o Natal.

O público entra e encontra o palco às escuras. Ouve-se a notícia no Rádio.

LOCUTOR (VOZ GRAVADA)

Durante nove anos o esqueleto de uma mulher e o do seu cão permaneceram no chão de um apartamento, no quarto andar, em Sintra, Portugal.

A mulher que faria 96 anos em 2011, não era vista desde 2002.

Nem as autoridades, nem os familiares atenderam aos insistentes alertas feitos por uma vizinha. Os esqueletos só foram encontrados após o apartamento ter sido leiloado e a porta arrombada para que o novo proprietário ocupasse o imóvel.

Até hoje as autoridades não se mostraram disponíveis para falar sobre este bizarro caso de abandono.

(LUZ. Objetos espalhados pelo chão: o Ator-narrador debruçado sobre uma carcaça de metal, à esquerda uma cadeira de rodas fechada e deitada no chão, à frente, uma mulher sentada num banquinho, de frente para a plateia, perto dela, sem que o público veja, sob a cadeira de rodas, um baralho espalhado, um rádio, uma fotografia de criança e uma coleira; ao fundo, um pequeno banco de madeira; ao lado, uma peça de metal ao lado de uma tigela virada de cabeça para baixo que parece esconder algo; à direita, cinco peças de metal amontoadas; todos esses objetos não dão ideia ao público do que sejam, o ator-narrador observa a peça de metal à sua frente e ele fala para o público.)

Ator-Narrador

Estamos em Portugal... Num prédio antigo, num pequeno apartamento no último andar, onde mora esta mulher, viúva, ao lado do seu cão...

Ela não se recorda em que mês está...

D. BELINDA

Agosto?

Ator-Narrador

Acredita ser agosto...

Época das férias em Portugal...

Por isso o prédio está vazio, silencioso...

D. BELINDA

Falta pouco para o Natal...

Ator-Narrador

O seu filho António é esperado, ela acredita que ele vai trazer presentes...

O cão está velho, só dorme... A mulher reclama por morar neste último andar...

D. BELINDA

Meu filho, as escadas não são adequadas para as patas do cão, ele está velho...

FILHO

A situação do país não nos permite escolhas, mamãe!

D.BELINDA

Está certo, o que se pode fazer?

Ator-Narrador

Com a pensão que esta mulher ganha, o país em crise, o filho desempregado e casado...

D. BELINDA

Queria ver o primeiro-ministro subir essas escadas..

Ator-Narrador

Será que a mulher colocou a ração do animal?

D. BELINDA (Olhando para alguém da plateia)

Não andas comendo nada, tens de comer!

Mas não comas tudo de uma vez.

O que tens?

Noto-te cansado, não deve ser nada demais.

Velhice, é isto.

Ator-Narrador (Comentando)

É compreensível um velho sentir-se cansado. Jovem é que não pode sentir-se cansado na vida! Não tem o direito.

D. BELINDA

Aguenta firme até o Natal, meu amigo, quando Antônio vem nos visitar!

Peço a ele para levar-te ao veterinário.

Tens de comer. Senão ficas fraco, e aí é que não sairás mais desta morada?

O ator-narrador caminha para as cinco peças de metal amontoadas, pega uma flanela e começa a limpar as peças, parece procurar uma peça adequada, tenta encaixar as peças na carcaça, mas algumas não encaixam.

ATOR-NARRADOR

O cão desta mulher tem sorte. Não tem a rua como morada.

D. BELINDA

Coitadinhos dos cães abandonados pelas ruas. Há pessoas que não RESPEITAM os seus cães. É mais fácil colocá-los na rua do que arranjar alguém que fique com eles, ou mesmo levá-los consigo nas férias.

Ator-Narrador

Para essas pessoas, deixar de tirar férias por causa dos cães, nem pensar! As câmaras municipais de Portugal não têm capacidade para ficar com todos os animais; e o que acontece?

D. BELINDA

- São abatidos!

Se não aparecer alguém para adotá-los.

Ator-Narrador

Já pensou nisso? (pausa)

D. BELINDA

António pai não gostava de cães. António filho, sim.

Ator-Narrador

Ela não se lembra quando foi a última vez que o filho a visitou?

D. BELINDA

Ele esteve aqui ano passado...

Sim, ano passado.

Ator-Narrador

Ela também não se recorda em que ano estamos...

D. BELINDA

Quando foi que Salazar morreu?

Ator-Narrador

Ela se recorda que em 1968 Salazar caiu da cadeira, e ficou fisicamente incapacitado para governar...

D. BELINDA

Ele morreu em 1970, isso, Salazar morreu em 1970...

Ator-Narrador

Mas porque ela está falando de Salazar?

D. BELINDA

Foi no ano em que Salazar morreu, que o meu António nasceu!

Ator-Narrador

O António pai admirava Salazar e obrigou que ela desse o nome do ditador ao menino.

(pausa, ator-narrador sorri malicioso para o público)

Ator-Narrador

Querem saber o nome do cão? (pausa)

Ele se chama: Fradique.

D. BELINDA

Fra-di-que...

Ator-Narrador

- Ela também não se recorda de onde tirou a ideia deste nome!

Lembra-se que o cão chegou até ela pequeno ainda, e a primeira coisa que fez, foi mijar no meio da sala...

D. BELINDA

Lembras a mijada que destes ao lado do piano?
Eu possuí um piano, mas jamais toquei piano...
Achava bonito ter piano.
Sinto falta do piano...

Ator-Narrador

Ao mudar para este apartamento, António filho vendeu o piano... por causa das escadas...

D. BELINDA

Que silêncio...

Ator-Narrador

- Fradique quer dizer o seguinte...

Romântico. Com muito amor para dar; uma pessoa divertida, quer que todos gostem dela, por isso não economiza no seu jeito gentil e simpático. Gosta de ser o centro das atenções e busca apenas o melhor da vida, que na sua visão é: dinheiro, poder e sucesso. E gosta de criança.

D. BELINDA

- Ah! Isso é verdade, adoras crianças. Se eu pudesse, a casa estaria repleta de crianças!

Ator-Narrador

Possui um lado negativo: ela é mandona!

D. BELINDA

Mesmo porque ninguém deve ser perfeito o tempo todo.
Isso é verdade, Fradique. Ninguém tem o direito de ser perfeito.
Ninguém...

Ator-Narrador (Montando a primeira perna do cão e repetindo)

Ninguém tem o direito de ser perfeito.
Ninguém...

(Encaixa a primeira peça de metal na carcaça, que agora se parece uma perna)

(Dona Belinda pega o rádio, tenta ouvi-lo, colando-o ao ouvido.)

D. BELINDA

Estou surda ou as pilhas estão a fraquejar?
Sabes quem eu gostaria de ouvir cantar?
Advinha?

Ela Mesma: Amália Rodrigues...

Você também gosta de Amália, eu sei... Quem não gosta? Quem? Amália faz-me recordar de António, pai... Era um homem belo e rude. Eu era bem jovem. Ingênua. Foi o único homem de minha vida... Apenas um homem tive na vida. Hoje, isto me parece uma tolice... **(Começa a Cantar um Fado com o texto)** Meu casamento não foi feliz.

António, o pai, sempre teve olhos para mim como mulher-natureza, a que nasceu para ser mãe e cuidar do ninho. Os homens do meu tempo não enxergavam a mulher como indivíduo, mas como utensílio... Amei António, romanticamente... o tempo veio e com ele o mal-estar conjugal... António pai, sempre teve mulheres na rua... Sempre soube,

aguentei calada, até o dia de sua morte. Não foi amor, nem entendimento que fez perdurar nossa longa relação, foi António, o filho, o que vem nos visitar no dia do natal, ele foi o responsável para que eu suportasse as traições e a indiferença... Houve vezes que eu me senti menos importante do que o fogão da cozinha... Hoje as mulheres são bem diferentes, são mais espertas, a mulher de António que o diga, é ousada, exige-lhe sentimentos, afetos, expectativas, futuro, garantias... (pausa) Ela não gosta de mim. Tenho certeza.

(Pausa, tentando ouvir algo no rádio)

Vou pedir ao António que compre-me pilhas novas... sinto falta de ouvir Amália com nitidez e também as notícias... O que foi? Por que me olhas desta maneira?

D. BELINDA

Ah! Quer jogar sueca!

(O ator-narrador encontra dois baralhos, ele entrega um baralho para D. Belinda, o outro fica com ele)

D. BELINDA

Vamos jogar! Vou ganhar de novo. Não és bom jogador de sueca. (pausa) Eu sei que precisamos de quatro jogadores; mas já te expliquei:

(O ator-narrador baralhando as cartas)

Ator-Narrador

Basta que ela seja duas pessoas; ele, dois cães.

A mulher faz dupla com António filho; Fradique com António pai. Começa por ela; depois, Fradique; em seguida, António filho; por fim António pai. Ela baralha, Fradique corta... Mas antes, é preciso eliminar as cartas 8, 9, 10; sueca não contém 8, 9, 10...

(O ator-Narrador repete que Sueca não contém 8, 9, 10: ele atira cartas por todo o palco, descartando-as, depois enfia nos aros da roda da cadeira as cartas 8, 9, 10 e a gira como se fosse uma roleta de jogo)

Ator-Narrador

Cartas fora do baralho... Chega um dia em que, todos nós, nos tornamos cartas fora do baralho. Seremos simplesmente descartados.

(O ator-narrador atira cartas por todo o palco até que encontra a segunda perna do cão, em seguida a coloca no corpo do cão)

ATRIZ/D.BELINDA

E você? Aceitaria ser carta fora do baralho?

Ator-Narrador

- Que vida eu quero para a minha velhice?

(pausa longa para que a plateia reflita sobre esta pergunta, os atores ficam olhando para o público como que esperando uma resposta)

D. BELINDA

Assim não é possível!

Ator-Narrador

O que houve?

D. BELINDA

O António Pai não quer jogar!
Está a dizer que anda sem sorte.
Mas eu sempre tive sorte!

(D. Belinda pega a fotografia do António filho no dia da primeira comunhão; o Ator-Narrador senta-se na beira do palco, assistindo D. Belinda)

D. BELINDA

Veja como o meu António é bonito. Que dia lindo aquele: o dia de sua primeira comunhão com o Cristo. Vestiu-se de padre. Como ficou bem no traje. Um padre-menino! Uma pena não ter ingressado ao seminário! Padre António! Mas como diz o ditado: “Não se deve despir um santo para vestir outro.”

Vamos rezar. Rezar para que António chegue bem para o Natal... (Pausa)

Natal... Celebração das mais bonitas... O Natal está a mudar... Estão a trocar o Menino Jesus pelo Pai Natal do comércio! Pecado. (Pausa) Estou a lembrar de minha mãe a preparar o presépio. O nascimento do menino Jesus.

No dia 24 Dezembro, véspera de Natal, à noite, a ceia - a consoada! À mesa o bacalhau cozido, rabanadas, sonhos, e mexidos. E ao final da ceia, a missa do galo, à meia-noite.

No dia 25, o jantar melhorado com carnes - a roupa-velha - feita com os restos da consoada. Será um Natal inesquecível em nossas vidas. Falta pouco para António chegar.

Ah! Não podemos nos esquecer de evocar os mortos, na noite do dia 24! Evocar António, pai! Com o seu lugar à mesa, numa outra sala.
Quer rezar? Não sabes rezar? Ensino-te a rezar! Repetes comigo...

(O ator-narrador e Belinda dizem a Oração ao Espírito da Grande Idade, de Francis Ivanovich)

Ator-Narrador

Espírito da Grande Idade

Santificado seja o meu destino,

Enviai-me lucidez e serenidade

Neste meu tempo vespertino;

Que minha Vida seja plena, independente,

Feita de trabalho, amizade e alegria,

Poupei-me das doenças irreais e das existentes

Que imobilizam o corpo e à alma silencia;

Não me deixeis cair nos braços da solidão,

Livrai-me do abandono, essa iniquidade,

Erguei-me tal o Sol brilhante da Razão,

Para que Eu envelheça com merecida Dignidade!

D. BELINDA

- Amém!

(A luz muda para vermelho. D. Belinda pega a cabeça do cão; a cabeça de cão, que fareja algo sob a tigela virada, ela rosna; o Ator-Narrador late e chuta a tigela, revelando sob ela, um crânio humano; ele pega o crânio; as duas cabeças brigam uma com a outra, o ator-narrador vem a frente para falar com o público)

ANTONIO PAI

Mulher, estás a sonhar com o António, Pai, teu marido por 40 anos. E bem sei que estou morto, que o teu marido António caiu no meio da rua Augusta, quando o coração parou de vez, num instante. Caso eu estivesse a viver outra vez, seria um marido melhor, um pai melhor, nem dos cães eu teria tido raiva. Teria sido um homem mais leal, te respeitaria, e reconheceria o teu valor como mulher. Tratei-te como serva; aquela que serviu à casa, ao filho, a mim. Peço-te perdão, mesmo que não seja mais possível. Afinal, o que passou, passou, e nada pode mudar o que ocorreu em nossas vidas. Vive-se apenas uma vez. Engana-se quem pensa que para ser infeliz basta ser sozinho, ao contrário, a má companhia pode ser a causa da infelicidade. E peço-te mais uma coisa, mulher. Para de me vencer no jogo de sueca. Detesto perder para ti. Arre!

(O ator-narrador rola o crânio para um canto, e recoloca a cabeça do cão exatamente onde a pegou anteriormente)

D.BELINDA

Engana-se quem pensa que para ser infeliz basta ser sozinho, ao contrário, a má companhia pode ser a causa da infelicidade. (pausa) Que sorte tenho ter-te como companheiro. Fradique, você é um amigo de grande valor.

(Ator-Narrador fala enquanto monta as duas últimas patas do cão)

Ator-Narrador/FRADIQUE

O meu nome é Fradique. Em Portugal minha raça é chamada de rafeiro; no Brasil, vira-lata. Ao nascer, fui separado dos meus pais. Tornei-me cão de teatro.

Assim como o ser humano, o cão é vítima de doenças como o resfriado, a depressão, o mal de Alzheimer, e efeitos do envelhecimento, como perda de visão, audição, artrite e mudanças de humor. A afeição e companhia que dedico aos humanos são alguns dos motivos da famosa frase: "O cão é o melhor amigo do homem"; a amizade mais antiga que existe é a nossa. Sinto saudades das ruas, quando minha dona levava-me para ir ao

teatro. Tenho 15 anos de vida, o equivalente a 90 anos do homem. Portanto, sou mais velho do que a minha dona. Creio que minha dona há de levar uma *tampa*, quero dizer: ela está a esperar por alguém que não vai aparecer. António filho não virá; farejo decepção a quilómetros de distância.

(O ator-Narrador pega junto à cadeira a coleira e a coloca no cão sem cabeça e rabo, ele passeia com o cão sem cabeça e rabo pelo palco, entre os objetos, as cartas, a cadeira, o crânio como se fossem caminhos, ruas, e enquanto caminha, passeia, D. Belinda assiste)

Ator-Narrador

Bem, é isso, Fradique está a dizer que sente-se cansado, quer ficar quieto, olhando para sua tigela de saudades...

Os cães são leais.

Lealdade...

(Senta-se no chão ao lado do cão sem cabeça e rabo)

Ator-Narrador

O único amigo fiel de Mozart foi seu cão, ficou ao lado do músico até o dia de sua morte... Capitán é o nome de um cão que há seis anos dorme fielmente junto do túmulo do dono, na Argentina... Caramelo é o nome do vira-lata que permanece na porta da UPA de Cabo Frio esperando pelo dono que foi internado e acabou morrendo. Caramelo seguiu a ambulância até a porta do posto de atendimento, e de lá nunca mais saiu.

Estas histórias sobre cães que são fiéis aos donos me fazem pensar...

Lealdade... Amizade...

(Ator-Narrador fala, enquanto D. Belinda abre um envelope dos Correios do Brasil e lê em voz baixa.)

Ator-Narrador

António filho não veio para o Natal...

Não foi possível. Ele emigrou para o Brasil, com a mulher e os dois filhos, e mora na cidade de São Paulo, onde trabalha como engenheiro para uma empresa brasileira.

D. BELINDA (lendo a carta)

Mamã, Eu, Maria e as crianças temos passado bem de saúde...Infelizmente não irei visitá-la no Natal, as despesas são muitas nesta cidade. Viver no Brasil é dispendioso... Envio-lhe uma foto da família e 500 Euros para ajudá-la. Mande-me notícias e dê por mim um afago no Fradique. Saudades e beijos do seu António e netos. Ah! Maria também deseje-lhe carinho! Ano que vem vamos visitá-la de qualquer maneira. Estou com saudades do bacalhau cozido que somente a senhora é capaz de fazer...

Beijos do seu filho António.

(Pausa. D. Belinda fica em silêncio, olhando para a plateia após a leitura da carta, de repente se levanta e pega o Rádio)

D. BELINDA

Não transmite! Fradique o rádio está a nos abandonar... Sinto falta daquelas vozes... O apresentador das notícias... As cartas de amor e de solidão dos ouvintes... O seu coração de pilhas está fraquinho... Coração fraco, língua presa... É uma pena, rádio é uma boa

companhia... Voltas a cantar e a contar notícias! Por que estás a chiar desta maneira? Pareces uma chaleira! Se António Filho estivesse aqui resolveria o problema... (Procura no aparelho a razão, encontra a antena) Ah! Fradique! Esqueci-me de erguer a antena, é isto!

(Pausa. Ouve-se a notícia Real dada pela imprensa portuguesa sobre a mulher morta com seu cão em Sintra, há nove anos. D. Belinda desliga o rádio e baixa antena. Pausa.)

D. BELINDA

Que notícia terrível, Fradique! Pobre mulher, ninguém se importou com ela. Ainda bem que António filho me dedica atenção, mesmo vivendo no Brasil... E ainda tenho tua companhia meu velho amigo.

(O ator-narrador caminha até o cão e coloca o rabo e finalmente a cabeça, o cão está pronto; ele o entrega a Dona Belinda)

D. BELINDA

Fradique, queres passear com a tua Belinda?

Ator-Narrador/Fradique

Ela se Chama Belinda. Minha dona.

D. BELINDA

Vamos, meu amigo! Lá fora o Sol ainda brilha sobre Lisboa. Caminhar é bom para as pernas, o coração e a alma... No próximo Natal António há de nos visitar. Será uma festa inesquecível... A visita da família o nosso maior presente... Na vida, a gente nunca pode desistir. É preciso vencer os degraus, as escadas... A vida não espera por quem não sai do lugar... Belinda há de comprar-te uma nova tigela... Tu mereces! Tu és um amigo muito especial, Fradique... Es-pe-cial...

Cena Final

(O ator-Narrador fica no palco e D. Belinda sai pela plateia puxando o cão Fradique, ouve-se a música tema da peça: Morada dos Ossos, enquanto o público também vai deixando o teatro)

*"Morada dos Ossos
Morada eterna?
Veja o Sol
Sobre Lisboa,
Sobre o Rio,
Tanta Luz!
Vamos caminhar...
Caminhar pelo jardim
Tanta Luz,
Sempre caminhar...
Pelo jardim de mim...
Morada dos Ossos
Morada dos Ossos
Morada dos Ossos..."*

FIM